



TECNOLOGIA NA ARTE-EDUCAÇÃO: MODOS DE FAZER E PERTENCER

TECHNOLOGY IN ART EDUCATION: WAYS OF DOING AND BELONGING

Thais Carneiro Hamadaⁱ
Secretaria Municipal de Educação de Goiânia
Gustavo Chaves Machadoⁱⁱ
Pesquisador independente

RESUMO

O presente artigo apresenta experiências a partir do projeto “costurando afetos”, organizado após os episódios decorrentes da pandemia da covid-19 no ano de 2020 e que afetaram, significativamente, a vida de toda comunidade escolar. Objetivando reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem, o projeto almejou aproximar aspectos lúdicos e subjetivos como formas de conhecimento e que se desdobraram por meio da tecnologia. Assim, com o intuito de salientar a importância das relações sociais na escola e na vida de estudantes, o projeto promove a importância das relações humanas e da arte em nossas vidas, através dos aparelhos móveis e suas formas de captar imagens. Além desses pontos, o artigo também aproxima experiências para além da educação básica, ou seja, compreendendo também momentos relacionados ao ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE

Arte-educação. Artes Visuais. Tecnologia no ensino de arte. Afetos.

ABSTRACT

This article presents the “sewing affections” project experiences, organized after the arising pandemic Covid-19 episodes in 2020, which affected significantly the entire school community lives. Aiming to reflect on the teaching and learning processes, the project unfolded through technology, aiming to bring playful and subjective aspects together as forms of knowledge. Thus, with the intention of highlighting the importance of social relationships at school and in students lives, the project promotes, through mobile devices and their ways of capturing images, the importance of human relationships and art in our lives. In addition to these points, the article also approaches experiences that extend beyond elementary school, that is, also including moments related to university education.

KEYWORDS

Art education. Visual arts. Technology in art teaching. Affections.



Apresentação

Nos últimos anos, em decorrência da covid-19, discussões envolvendo a sociedade e suas diversas formas de relação entre sujeitos, convivência e organização em espaços familiares, educacionais e em demais estruturas sociais, estiveram cada vez mais presentes no cotidiano de educadores e pesquisadores. Desde o ano de 2020, em especial, tais discussões afetaram de forma significativa o campo da educação ao nos depararmos com a impossibilidade do formato convencional de ensinar e aprender. Por isso, ao pensarmos na temática desta edição de 2024 da ANPAP, intitulada *Vidas*, aproximamos os desafios, inquietações e o fazer artístico que atravessaram o fazer docente durante o momento de crise na saúde mundial e que, ainda, ecoam e apresentam desdobramentos nos ambientes de ensino formal.

Neste sentido e focalizando nossas atenções nas experiências escolares e suas relações entre os processos de ensino e aprendizagem, mediados por recursos tecnológicos e o fazer artístico, a proposta deste texto aborda três propostas que foram realizadas em três espaços educacionais diferentes. A primeira se refere ao projeto Costurando Afetos que foi realizado no segundo semestre de 2021 com todas as turmas, do 1º ao 5º ano, de uma escola de tempo integral da rede municipal de Goiânia (RME/GYN). A segunda se refere à uma atividade realizada no primeiro semestre de 2023, com uma turma de 1º ano de outra escola de tempo integral da mesma rede, e a terceira se refere à uma atividade realizada no segundo semestre de 2023 na disciplina de Leitura e Produção de Imagens Artísticas Para Séries Iniciais da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Em todas as três propostas a tecnologia foi utilizada como recurso didático. Compreendendo que tecnologia vá desde a escrita até a inteligência artificial. A fala, o gesto e o movimento são expressões humanas. A escrita, tal como a imagem são tecnologias, e entendemos que para produzir tais coisas, precisamos de recursos externos, sejam eles naturais ou não.



Costurando Afetos

Ainda que os desafios e discussões envolvendo o campo da educação tenham ganhado destaque, após os eventos decorrentes da pandemia do novo coronavírus, muitos foram os processos e esforços de docentes e demais colaboradores, bem como secretarias, para amenizar os impactos que recaíram sobre a educação durante o período pandêmico.

Os espaços de ensino formal, em suas particularidades e níveis, precisaram criar mecanismos, métodos e formas de trabalhar e adaptar o conteúdo para os estudantes. As salas de aula, antes ocupadas de forma presencial, estavam vazias ou foram substituídas pelos encontros remotos e plataformas de atividades programadas para o contexto de isolamento social. Porém, a partir do processo de vacinação e flexibilização das atividades sociais, a rotina escolar voltou a fazer parte do cotidiano de docentes e estudantes. Mas esse retorno foi e ainda se mostra processual, e a todo momento ainda somos confrontados pelas dificuldades que adviram do isolamento social e dos hiatos que ficaram nos processos de ensino e aprendizagem dos estudantes.

O projeto costurando afetos foi organizado a partir de aspectos subjetivos e lúdicos (MARTINS, TOURINHO E MARTINS, 2013), considerados pontos necessários para a formação do conhecimento e que corroboraram para lidar com questões causadas pelo isolamento social. Por isso, temas como ansiedade, depressão e demais situações envolvendo impactos psicológicos e físicos, foram considerados no processo investigativo para a elaboração da proposta. O projeto foi pensado e elaborado com o olhar para as interações sociais e valores humanos, questionando o lugar da escola enquanto espaço de ensino formal e suas funções sociais diante das relações entre os sujeitos, os comportamentos dos estudantes e os impactos que a pandemia teve em suas vidas.



O projeto Costurando Afetos surgiu no segundo semestre de 2022, quando o ensino presencial foi retomado na rede municipal de Goiânia. A ideia era de acolher as crianças que naquele momento estavam sensibilizadas, algumas estavam há dois anos sem frequentar a escola, outras nunca haviam frequentado e todas apresentavam medo e estranheza em seus olhos curiosos e inseguros. Algumas crianças chegaram ou voltaram para a escola com seus familiares vivos. Outras chegaram, mais do que sem saber ler e escrever, sem mãe, avós, pai, tios e tias, primos e primas. Elas chegaram e chegamos nós, profissionais que atuam na escola, a miúdos e em pedaços.

Como retomar naquelas circunstâncias? O que ensinar? O que fazer e como fazer com aquelas crianças que estavam sem rotina escolar? Muitas delas não acompanharam as incansáveis tentativas frustradas de ensino remoto. O que aprendemos no ensino via cabo e o que precisávamos ensinar na retomada dos vínculos dentro do espaço escolar? Precisávamos juntar nossos cacos, costurar nossos pedaços e nos refazer. Como? Através do afetos. Precisávamos voltar para a escola no sentido de nos sentirmos pertencentes àquele espaço de novo ou pela primeira vez. E só a partir daí poderíamos vislumbrar o ensino e a aprendizagem dos conteúdos curriculares com melhor eficiência.

O projeto aconteceu durante todo o segundo semestre de 2022 e culminou em uma mostra cultural aberta à comunidade. Afinal, os afetos se costuraram entre todos os envolvidos e não há a possibilidade de não envolver a família na vida escolar da criança. Durante meses, todos os estudantes de sete turmas, do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental: desenharam, cortaram, costuraram, encheram e fecharam centenas de corações em feltro vermelho. Ali depositamos nossos afetos e nos refizemos entre pontos e conversas. Nos (re)aproximamos, nos (re)conhecemos, nos (re)construímos a partir da colaboração, da partilha, da união, da construção, do fazer manual, artístico e popular.



Imagem 01. Produção das crianças no projeto pedagógico Costurando Afetos. 2021.

As aulas aconteciam no formato de ateliê. Havia crianças sentadas nas cadeiras e no chão. Menina cortando, menino costurando. Menino bravo tentando manter a calma e controlando a ansiedade ponto após ponto, ao desfazer o erro e refazer acertando. Eram crianças aprendendo que a escola estava lá para elas. Que aquele espaço era delas e que errar fazia parte. Desfaz o nó, troca a lã da agulha, começa de novo, tenta de novo, com ajuda e juntos o trabalho foi feito. Orgulho deles, orgulho de nós. No final do semestre o portão da escola se abriu e a comunidade adentrou a um espaço cheio de afetos. Textos, linhas, pinturas, dobraduras, desenhos, esculturas, nossos corações pendurados por uma linha de nylon em tamanhos diferentes e entre eles, fotos – eles – nós. Terminamos juntos porque fizemos juntos.

O olhar das crianças para a escola

Foram adotadas, durante o ano de 2023, uma série de atividades práticas em que a tecnologia foi utilizada como recurso didático. Para a proposta que relatamos aqui, a escola não dispunha de câmeras fotográficas ou aparelhos celulares para a realização da atividade e, portanto, foi utilizado o celular da professora.



Os estudantes foram levados para o pátio da escola e sentados embaixo de uma enorme mangueira, foi explicado o que um a um deveria fazer: pegar o celular da professora e sair passeando pela escola e fotografando as coisas, pessoas e lugares que quisessem fotografar. Os demais aguardavam ansiosos pela sua vez enquanto descobriam buracos no chão de cimento, arrancavam cascas das árvores, conversavam, desenhavam no chão ou na parede da quadra, observavam formigas, pássaros e uma borboleta que nos fizera uma visita.

Cada um na sua vez, pôde observar e mudar o olhar através de uma tela que apresentava um recorte de um espaço que lhe afetava e não necessariamente agradava. É curioso como a escola toda gradeada não impediu o avançar do olhar (imagem 2). Em algumas imagens é possível perceber que as grades são ignoradas, não fazem diferença apesar de permanecerem lá e na imagem.



Imagem 2. Registros da escola pela perspectiva das crianças, através do uso do celular. 2023.

Também nota-se a busca pelas cores, formas, pela memória das melhores e mais divertidas experiências, pelas relações importantes que são estabelecidas com outros sujeitos e a relação de pertencimento com suas produções expostas pelos corredores. Há significados passíveis de compreensão, que nos dão rumo para trabalhar além do conteúdo: a experiência para a vida, o subjetivo, o imaginário, a criação e a expressão.

Olhar para o que os estudantes nos dizem é como puxar a ponta da linha e costurar conhecimento, vincular experiências, desenhar mapas na memória com interrogações e exclamações que podem fazer sentido no agora, bem como, só



no depois, e sempre passível de ressignificação durante o trânsito pela vida e pelo pensar.

A escola do ensino superior

Além dos recortes partilhados das experiências estéticas no ambiente do ensino fundamental I, também apresentamos fragmentos que compreendem momentos direcionados ao espaço do ensino superior, pois “os processos formativos (sejam eles em que nível for) precisam recuperar esta perspectiva; precisam incluir os seus sujeitos, e, conseqüentemente, estas trajetórias” (OLIVEIRA, 2013, p. 116), para que a reflexão sobre o fazer docente seja presente e valorizado, independentemente do contexto.

Neste sentido, ao pensarmos nas trajetórias de vida, apresentamos duas produções que foram compartilhadas por estudantes da Faculdade de Educação da UFG (imagem 3).



Imagem 3. Produções de estudantes da Faculdade de Educação, durante a disciplina de Leitura e Produção de Imagens Artísticas Para Séries Iniciais. 2024.

Acima, podemos acompanhar o que os/as estudantes da Faculdade de Educação organizaram, considerando ideias sobre o período da infância, durante atividades relacionadas a disciplina de Leitura e Produção de Imagens Artísticas Para Séries Iniciais. Em um dos exemplos, o ambiente da casa, do quintal e da árvore foram



listados a partir de uma sensação de liberdade, autonomia e intimidade, que provocavam sentidos sobre o ato de brincar (lado esquerdo da imagem).

Além disso, no exemplo ao lado direito, a sensação do contato com a figura da professora, de receber e manter cuidados em relação a turma, também foram compartilhados. Estas informações foram organizadas por estudantes, responsáveis pelas respectivas produções. Essas situações envolvendo os ambientes de ensino, comentadas nas produções acima, contribuíram para questionarmos a turma sobre como se sentiam e como poderiam registrar o espaço da Faculdade de Educação. Através do uso dos aparelhos celulares, foram feitos registros da instituição (imagem 4).



Imagem 4. Registros de estudantes da Faculdade de Educação, durante a disciplina de Leitura e Produção de Imagens Artísticas Para Séries Iniciais. 2024.

Após os momentos de observação e registros do espaço, estudantes comentaram sobre o ambiente da Faculdade de Educação ser, de alguma forma, fechado, limitado e sem presença de cores. Um dos pontos citados foram os aspectos cimentados da parte externa (mesmo com a presença do grafite em uma parede) e das grades que compreendem a estrutura das janelas (aproximando a ideia de prisão). Vale ressaltar que, esta proposta de uso dos aparelhos celulares para organizar registros fotográficos se aproxima das ações que foram realizadas com as crianças em 2023, que também fotografaram o ambiente da escola com através das câmeras dos aparelhos celulares.



Encontros: tecnologia, experiência e memória

A tecnologia tem sido utilizada como recurso didático, para promover e proporcionar experiências estéticas, expressões do olhar, ser, estar e sentir(se) (n)o mundo. As experiências escolares nos atravessam de tal forma que, ainda no ensino superior, nota-se de forma evidente a memória, os encantos e desencantos, a saudade e a desventura pelas relações estabelecidas entre os sujeitos nestes espaços.

Enquanto professores em atuação em sala de aula, desde o ensino fundamental ao ensino superior, não estamos alocados somente na vértice do ensino, pois mantemos em nossas práxis pedagógica o olhar atento para as demandas que surgem dos estudantes e a disposição para flexibilizar, dinamizar e transformar ações. Diante disso, não dissociamos o ensino da pesquisa. Acreditando que uma é intrínseca à outra.

Os processos de ensinar e aprender são, historicamente e socialmente, ligados e nos apresentam caminhos, opções e possibilidades de ampliar o conhecimento (FREIRE, 1996). Na contemporaneidade, os avanços tecnológicos têm apresentado demandas à estruturação dos conteúdos que compõem o currículo que vai desde o ensino fundamental ao ensino superior. Desse modo, no cotidiano, arte-educadores têm se deparado com demandas de aproximações e organizações didáticas e pedagógicas através de imagens e aparatos tecnológicos. Acentuando a importância de discutir as formas e modos de comunicação e mediação na construção do conhecimento dos estudantes.

A realidade de convívio com imagens não é, necessariamente, apenas fruto da presença expressiva de aparelhos *smartphones* em nosso cotidiano. Para além disso, de acordo com Raimundo Martins, Irene Tourinho e Alice Martins (2013, p. 66), “nascemos e crescemos cercados por elas. Outdoors, televisão, computadores, videogames, internet, celulares, filmes, animações, brinquedos –



todos esses aparatos veiculam, produzem, fazem uso de ou são imagens”. Por isso,

a velocidade e o volume de imagens que nos sitiam e interpelam cotidianamente constituem uma espécie de avalanche que nos arrasta, desnorteia e fragmenta sem que tenhamos tempo para refletir, analisar ou fazer algum tipo de crítica sobre elas. (MARTINS, 2010, p. 21).

Pensar nas imagens e nos sistemas de consumo é algo desafiador, em especial, para professores e professoras de arte, pois abrem um espaço intrigante para pensarmos nos processos de ensino e aprendizagem e, também, nos modos de interação e socialização entre estudantes e nas possíveis reflexões que compreendem esse lugar da produção e circulação de imagens. Atualmente, o celular é um recurso tecnológico que promove esse processo rapidamente e que gera volume de imagens em vários níveis de compartilhamento midiático. Ao mesmo tempo que existem preocupações, nesta larga escala de produção e consumo de imagens, existem inquietações que geram ideias e pensamentos críticos sobre formas de trabalhar, utilizando celulares como recurso didático, na disciplina de artes visuais.

Diante disso, a partir das experiências propostas aos estudantes do ensino fundamental I e ensino superior, dois pontos foram considerados: 1) o ambiente escolar e 2) o uso das câmeras de celular para fotografar espaços do ambiente escolar. Aproximamos o pensamento de Rafael Marques Gonçalves (2017, p. 268), pois entendemos que as fotografias podem ser “[...] fontes de pesquisa, buscando ressaltar uma criticidade e um viés criterioso para sua compreensão e com ele fazer emergir diferentes potências [...]” e reflexões sobre o cotidiano. Torna-se interessante aproximar alguns apontamentos de Paul Duncum (2011), que tratam desse tema complexo que é a imagem e os desafios de seu uso em sala de aula, considerando as disciplinas de artes visuais. Por isso, também questionamos e pensamos sobre

o modo como vivemos hoje – como vivem, em especial, nossos alunos eletronicamente conectados – é muito diferente do mundo retratado pela prática educacional artística convencional, que



continua a enfatizar elementos e princípios modernistas, bem como meios de comunicação tradicionais. (DUNCUM, 2011, p. 15).

Acreditamos que é necessário pensar nos modos e contextos em que estudantes se encontram. Neste sentido, considerando o tempo de envolvimento e presença nos espaços de ensino, torna-se importante questionar estes sujeitos sobre como observam estes ambientes em que se encontram inseridos e inseridas. Deste modo, a fotografia, através das câmeras de celulares, foi um dos recursos utilizados na disciplina de artes visuais durante o ano de 2023.

A escola, a faculdade e algumas considerações

As fotografias proporcionam, além da ênfase técnica, reflexões sobre questões do cotidiano. Compreendemos a importância de pensar em perspectiva, luz, sombra, ângulo e enquadramento. Mas para estudantes do ensino fundamental I, nossa atenção envolve, principalmente, o sentido que consciente ou inconscientemente buscam retratar. Ao que se refere a experiência com o projeto Costurando Afetos, foi preciso primeiro, articular o (re)estabelecimento de vínculos entre os sujeitos e desses sujeitos com a escola. Sobre isso, Laura Pozzana (2014, p. 59), afirma que articulação “não significa a habilidade de falar com autoridade, mas sim de falar em conexão com o plano dos afetos”.

Nossos interesses, assim, seguem pelos caminhos da curiosidade, do estranhamento, da afinidade, da inquietação e dos afetos. Neste processo, podemos pensar em outros possíveis significados que o espaço de ensino pode ter e promover. Olhar o mesmo lugar de outro jeito, transforma não só a percepção. Transporta os sujeitos para outros lugares não físicos, onde expandem o pensamento, a reflexão e deste modo, passam a se posicionar crítica e ativamente diante de outrém, em espaços a que pertencem e não pertencem. Muda a leitura de mundo, a concepção de si, a consciência de coletivo e sociedade. Processo. Nada está pronto, nada se torna pronto. É uma busca, é um devir do movimento e da esperança. Esperançando. Esperançamos. Esperançar (Freire, 2003).



Referências

DUNCUM, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (org.). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: UFSM, 2011, p. 15-30.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GONÇALVES, Rafael Marques. Ler imagens imagens nos/dos/com os cotidianos escolares: questões que nos permeiam. **Communitas**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2017, p. 268–282. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/1236>. Acesso em: maio de 2024.

MARTINS, Raimundo. Hipervisualização e territorialização: questões da cultura visual. **Educação & Linguagem**, v. 13 n. 22, p.19-31, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/2437>. Acesso em: abril de 2024.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene e MARTINS, Alice Fátima. Entre subjetividades e Aparatos Pedagógicos: O que nos Move a Aprender?. In: **Visualidades** (UFG), v. 11, p. 59-71, 2013. em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/30685>. Acesso em: abril de 2024.

OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre. Outras leituras e visualidades na formação docente em arte. In: **Visualidades**, Goiânia, v. 11, n. 2, 2014, p. 113-135. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/30688>. Acesso em: maio. 2024.

POZZANA, L. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia.; Tedesco, Silvia. (Org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014, v. 2, p. 42-65.

Notas

ⁱ Graduada em Licenciatura - Artes Visuais (UFG), professora efetiva da rede municipal de Goiânia – GO. E-mail: thais.hamada@hotmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3053562851903655>. Goiânia, Brasil.

ⁱⁱ Mestre em artes visuais (UnB). Especialista em História Cultural (UFG). Graduado em Licenciatura em Artes Visuais (UFG) e em Publicidade e Propaganda (UriAguaiá). Foi professor substituto na Faculdade de Educação da UFG durante o período de 2022 a 2024. E-mail: machadogch@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7371-3779> Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2959429147664721>. Goiânia, Brasil.